



## A TERRA PEDE SOCORRO: A ANCESTRALIDADE E O FUTURO NAS REFLEXÕES DE KRENAK

Ana Paula Moraes<sup>16</sup>

Ailton Krenak é um intelectual, ambientalista e ativista indígena. Suas principais reflexões dizem respeito ao capitalismo e a exposição das devastações causadas por ele; as práticas colonialistas atuais; a importância da coexistência harmoniosa entre humanos e natureza e a importância da ancestralidade. Krenak não apenas critica o sistema capitalista, mas também propõe uma mudança no pensamento moderno de matriz ocidental, ao sugerir que o futuro precisa ser enraizado no passado ancestral. Em um mundo cada vez mais distante de suas ancestralidades, a obra *Futuro Ancestral* surge como um grito urgente para a reconexão com a Terra. Este livro de Ailton Krenak é uma coleção de textos elaborados por Rita Carelli a partir de apresentações de diversos tipos dadas pelo autor, entre 2020 e 2021. A obra oferece um conjunto de reflexões que propõem uma reorientação do pensamento e das práticas contemporâneas, à luz da sabedoria indígena. Krenak coloca o leitor em uma reflexão profunda sobre o mundo capitalista e as degradações que este causa à Terra e às identidades humanas, destacando a importância da ancestralidade para enfrentar as crises contemporâneas. Ele aborda questões como a relação de exploração que o capitalismo produziu entre seres humanos e natureza, a alienação da vida urbana e a importância de questionar o dito “desenvolvimento”, sugerindo que a atual crise civilizatória é resultado de uma visão de mundo ocidental, que separa o homem do seu entorno e busca incessantemente o progresso material, muitas vezes à custa da degradação ambiental e espiritual.

O livro *Futuro Ancestral* apresenta extrema relevância para os campos da Antropologia e Arqueologia, especialmente por trazer as perspectivas indígenas como forma de contrapor o

---

<sup>16</sup> Graduanda em Arqueologia pela Universidade Federal do Rio Grande - FURG. E-mail: [anamoraes1909@gmail.com](mailto:anamoraes1909@gmail.com)

pensamento moderno de matriz ocidental e criticar o capitalismo e seus processos e pensamentos associados e derivados. A obra enfatiza a importância dos saberes tradicionais, os quais são transmitidos oralmente de geração em geração. Na Arqueologia, essa dimensão é importante, pois desafia o foco excessivo na cultura material e evidencia a relevância da memória, da tradição oral e das cosmologias indígenas como formas legítimas de conhecimento sobre o passado. Krenak também se opõe à visão dualista ocidental que separa cultura e natureza, visão necessária aos profissionais de Antropologia e Arqueologia, uma vez que ambos trabalham com culturas diferentes da sua e que podem não enxergar no mundo essa dualidade pregada pelo Ocidente. Ao falar sobre as práticas de manejo do território, realizadas por povos indígenas ao longo de milênios, ele reforça o papel ativo desses povos em seu ambiente, contrapondo visões arqueológicas que por muito tempo pregaram as sociedades indígenas brasileiras como passivas do ambiente natural. A obra também contribui com os campos da antropologia e arqueologia no sentido em que dá uma visão geral das relações indígenas com seus territórios, uma relação que vai muito além das necessidades físicas e produtivas.

No primeiro texto do livro, *Saudações ao Rio*, Krenak abre sua discussão com uma metáfora poderosa: a dos rios como seres vivos, que testemunham a passagem do tempo e as transformações humanas. Ele relata sua experiência de vida à beira de *Watu*, chamado de Rio Doce pelos brancos, refletindo sobre como a água, uma vez pura e fonte de vida, foi transformada pelo progresso civilizatório em um "detrito de uma civilização abusiva" (Krenak, 2022, p. 24). Desde a escola, as crianças aprendem que uma das civilizações mais antigas nasceu na confluência do rio Nilo, no Egito, cujas margens irrigadas permitiram o desenvolvimento da agricultura. Segundo ele, embora sempre estivemos perto da água, aprendemos muito pouco com a fala dos rios. As cidades, ao se espalharem por cima dos rios, destroem-no, sem qualquer cerimônia ou respeito.

Relatando sobre seus parentes que moram em aldeias flutuantes na fronteira do Peru com a Colômbia, construídas em plataformas sobre as águas, o autor ressalta que eles precisam da água viva, de seus espíritos e da poesia que ela traz à existência. A sede infinita das cidades é criticada, uma sede que, se preciso for, cria Belo Monte, Tucuruí e inúmeras barragens. Os corpos d'água estão sendo destruídos pelos garimpos, pela mineração e pela apropriação indevida da paisagem. A percepção dos rios como potencial energético para construção de barragens, ou para armazenamento para agricultura, é condenada severamente pelo autor. Hoje, o corpo de *Watu* está envenenado e, para fugir dos abusos, a água que nasce nas montanhas encontrou um novo caminho, se escondeu, mergulhou fundo e agora corre debaixo de uma laje de pedra. A água nunca diminui, mas não podemos usá-la como queremos porque, se a transformamos em esgoto, embora ela se recupere, a vida humana é efêmera demais para ver sua recuperação, então vamos acabar secos. O clamor é que as vozes dos rios sejam ouvidas.

Após discutir sobre os rios, Krenak amplia sua análise, levando-nos a refletir sobre como as narrativas culturais moldam nossa percepção do mundo. Em *Cartografias para depois do fim*, o autor explora as afetividades envolvidas nas histórias que nos aproximam dos seres invisíveis - invisíveis aos olhos daqueles que não conseguem andar na Terra exprimindo alegria em cada gesto e a cada respiro. Ele propõe que imaginemos cartografias, camadas de mundo com narrativas plurais, que não entram em conflito, mas coexistem. As narrativas de fundação, que existem na memória de milhares de povos nas Américas, Ásia e África conseguem dar sentido às vivências de cada povo. Krenak dá alguns exemplos dessas histórias, das quais

exemplifica com a narrativa de criação dos Guarani, na qual dois gêmeos primordiais dobraram a Serra do Mar, fazendo um contraforte para que a Água Grande (o mar) não avançasse sobre o continente. Essa história explica a formação das montanhas, dos vales e dos corpos d'água de onde vivem.

Ele ainda aponta a violência que os Guarani e os caiçaras da região sofrem diante da especulação imobiliária, espremendo-se em pequenos sítios. Além da violência contra esses grupos, o *Watu* é outro exemplo do “*capitaloceno*” que estamos vivendo e não restará na Terra lugar que não seja como ele, coberto de lama. **Entretanto, Krenak pede que não nos rendamos à narrativa de fim de mundo, porque ela nos faz desistir de nossos sonhos e neles estão as memórias da Terra e de nossos ancestrais.** Nas narrativas em que só o humano age, as outras presenças são silenciadas e esse silêncio legitima consumir a Terra. O capitalismo deseja um mundo triste, monótono e robotizado e Krenak pede para não aceitarmos suas imposições. Quando ele fala sobre adiar o fim do mundo, não se refere a esse mundo catastrófico que vivemos. O que Krenak quer e sua obra demonstra o tempo todo é uma transfiguração, confluências que contraponham a lógica destrutiva da monocultura. As *confluências* abrem possibilidades para outros mundos, permitindo que neguemos o discurso colonial e a falácia de que somos todos iguais. Krenak aponta que essa afirmação causou um dano quase irreparável e que agora temos que desconstruir essa ideia, evocando as cartografias afetivas, as quais as narrativas nos dão esperança.

Em *Cidades, pandemias e outras geringonças*, inicia a reflexão a partir da experiência da covid-19, uma pandemia arrasadora, que veio apenas para devastar nossas vidas. O autor é contra o pensamento de que a pandemia veio para nos ensinar algo, o sofrimento não ensina coisa alguma. Ele diz que, se o sofrimento ensinasse, os povos da diáspora que passaram pelo desastre da escravização, estariam recebendo prêmios no século XXI.

Outra crítica recai sobre a naturalização do uso dos meios virtuais, que se intensificou de forma absurda durante a pandemia. Ele lembra que as conversas *on-line* não são conversas diretas, que há bastante espaço para mal-entendidos, mas admite que ele próprio tem usado com frequência esses meios. Krenak cita a professora Conceição Evaristo, que diz que as pessoas acham mais fácil acabar com o mundo, do que acabar com o capitalismo e sustenta que nos acomodamos com a ideia de que o capitalismo vai melhorar e que haverá recursos abundantes para todos, mas isso não passa de uma ilusão.

Segundo Krenak, as cidades têm se oposto à floresta, desde o imaginário infantil em que um lobo ameaça quem adentra a floresta. Uma das narrativas sobre o surgimento da covid-19 segue essa mesma linha: misturaram bicho da floresta com bicho domesticado e então, o animal da floresta passou o vírus para o animal limpinho da cidade e o vírus espalhou-se pelo mundo. “A cidade virou a caixa preta da civilização” (Krenak, 2022, p. 52). As cidades sentem o peso de um legado herdado dos gregos e romanos - a pólis - com muros ao redor das pessoas, as protegendo, seja de animais, seja de pessoas. O cidadão é substituído pelo consumidor. O capitalismo precisa da urbanização e, para isso, tirou as pessoas das matas e das zonas rurais, para irem para a cidade virarem consumidores e passarem fome. Para a cultura sanitarista urbanizar é sanear. Assim, as florestas e seus ecossistemas vivos se tornam passivos de serem cercados para não infectar as cidades. A lógica perpetuada desde o período escolar é de que a civilização é urbana, e tudo externo a ela é bárbaro e primitivo. Krenak pede para pararmos de afastar tudo,

para deixarmos os córregos respirarem, para florestarmos as cidades, para que possam crescer nelas bons sentimentos, ao invés de lajotas.

No texto *Alianças afetivas*, Krenak discute a “florestania”. Quando Chico Mendes, seringueiros e indígenas se uniram para resistir contra o desejo do governo brasileiro de fragmentar as grandes extensões de floresta ao sul do Amazonas e no Acre, no final dos anos 1970 - abrindo estradas e levando colonos - perceberam que suas reivindicações de direitos não diziam respeito à cidadania, era um novo campo de reivindicação: a “florestania”. O autor denuncia que o capitalismo é incompatível com qualquer perspectiva de uso coletivo da terra: até as terras indígenas pertencem à União. Na construção da “florestania”, os envolvidos não queriam nem mesmo ter documento de identificação, mas perceberam que, para instaurarem um novo direito, precisavam movimentar uma série de documentos legais.

Para o autor, a união dos diferentes grupos se deu pelo entendimento de que, entre eles, havia padrões: latifundiários que clamavam posse de regiões da floresta e que submetiam esses grupos a condições de trabalho escravo. O patrão domina à distância, controla a floresta Amazônica - como diz Krenak - por controle remoto. A Aliança dos Povos da Floresta surgiu da busca pela igualdade na política. No entanto, o autor relata que, com o tempo, percebeu que, se a proposta é provocar um profundo questionamento rebelde, eles não podem se tornar prisioneiros do próprio movimento. Para Krenak, alianças políticas obrigam o estabelecimento de uma igualdade opressora e por isso, após vinte anos, evocou o conceito de alianças afetivas. Esse movimento não pede igualdade; em oposição, reconhece as alteridades intrínsecas das pessoas. Somente com alianças afetivas, é possível explorar outros mundos, outras cosmologias.

Essas outras possibilidades deslocam o papel central do humano, afinal, todas as existências não podem partir do ponto de vista do antropocentrismo que tudo destrói. De acordo com o autor, o desejo da centralidade humana sempre esteve presente na humanidade, sendo caracterizado por todo processo de colonização dos continentes. Essa lógica ocidental carrega consigo a oposição binária entre cultura e natureza. Krenak discute as relações entre a democracia, os símbolos nacionais e as identidades e ressalta a necessidade de refundarmos o País, uma vez que o Estado atual carrega consigo a genética pirata e bandeirante: existe para destruir. O autor defende que povos originários têm muito a acrescentar nos debates sobre o que chamamos de país ou nação. Se formos capazes de ouvir esses ensinamentos, a política será apenas um dos aspectos da vivência, não mais uma atividade predatória.

Finalizando o livro, o texto *O coração no ritmo da terra* trata sobre a educação e seu caráter de moldar pensamentos e comportamentos. Ele favorece a ideia de que, quando formamos um ser para que ele tenha utilidade, estamos reproduzindo uma violência que determina seu caminho na Terra. A ancestralidade volta a ser ressaltada pelo autor, o qual a coloca como raiz que sustenta e reconforta o ser. O futuro é uma ilusão, apenas imaginado e por isso o arriscamos tanto. Cada vez mais, vivemos a projeção de futuros improváveis - uma forma de escape do presente. As crianças são apontadas pelo autor como fonte de boas novas, de criatividade e reconstrução. Por isso, ele repugna a formatação dos seres, colocar as crianças em moldes destrói suas criatividade e subjetividades que são capazes de inventar outros mundos. A sociedade ocidental supervaloriza o sistema de educação que, desde o início da formação infantil, sugere a necessidade de ocupar lugares de destaque, pois no topo cabe apenas um. Krenak posiciona a importância de resgatarmos os vínculos com os ancestrais, relatando que,

para as crianças Krenak, ser antigo é algo esperado e desejado, pois entendem que é uma posição privilegiada de conhecimento. Os infantes indígenas não são educados, são orientados, aprendem desde cedo a partilhar os espaços e os alimentos. Elas aprendem desde cedo a sintonizar a terra e o coração (Krenak, 2022).

***Futuro Ancestral* é uma obra que vai além da crítica ambiental e social convencional. Krenak nos oferece uma nova perspectiva sobre o tempo, a vida e a humanidade. Nos convida a repensar nossa relação com a Terra e com o futuro, ele não sugere apenas uma mudança de comportamento, mas uma transformação profunda em nossa visão de mundo.** Ele nos faz pensar sobre os impactos do capitalismo, nos levando a refletir sobre os sangrentos pilares da civilização moderna e imaginar um futuro sustentado pela ancestralidade, onde os rios não são presos pelo concreto, onde a floresta não é isolada da cidade e todos os seres possam coexistir em harmonia.

## REFERÊNCIAS

KRENAK, A. 2022. **Futuro Ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras.